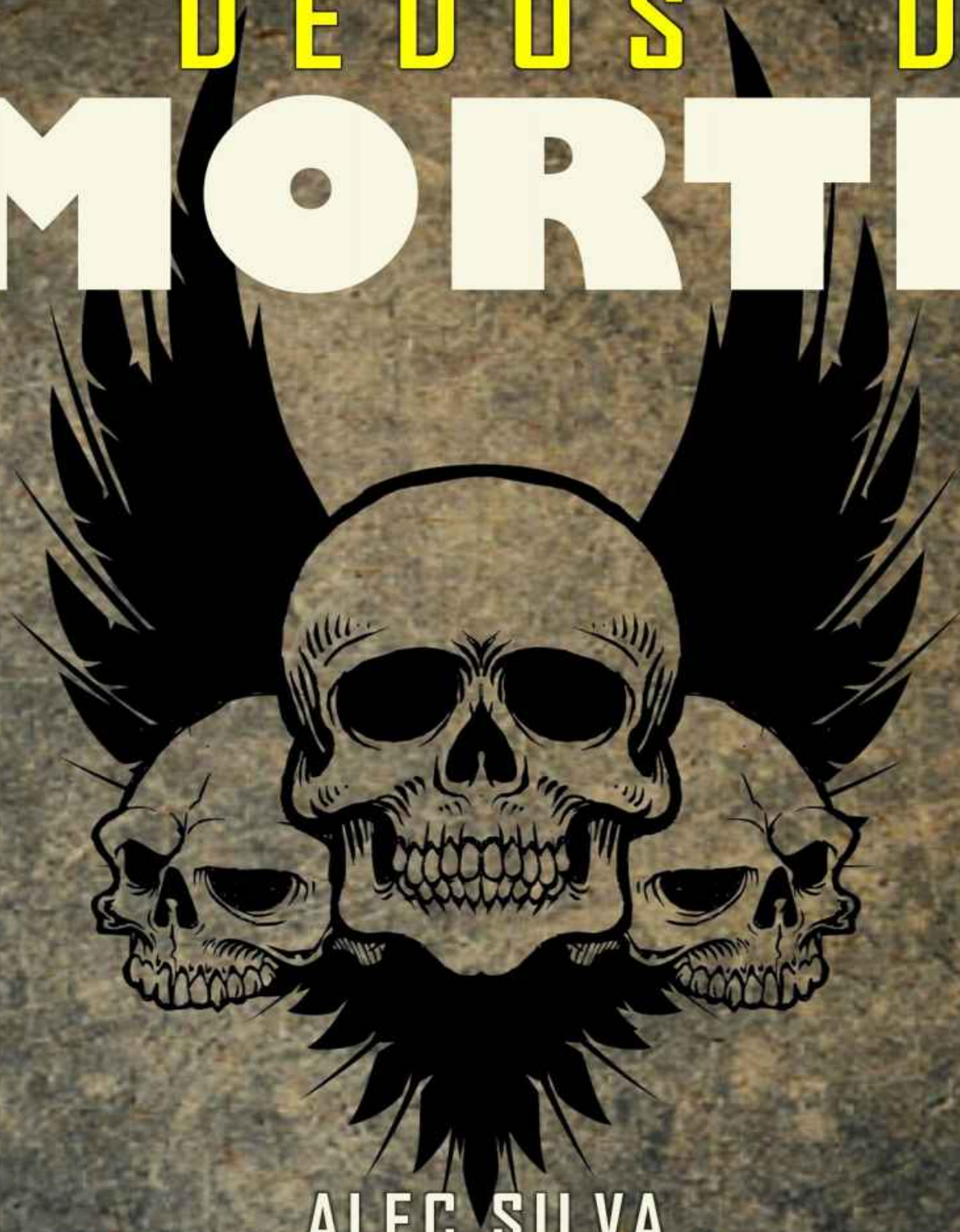


3 DEDOS DE
MORTE



ALEC SILVA
BALTAZAR DE ANDRADE
SAMUEL CARDEAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright 2015 © by Alec Silva, Baltazar de Andrade e Samuel Cardeal

Capa e editoração digital

Samuel Cardeal

Ilustrações do miolo

Baltazar de Andrade

Revisão

Alec Silva

Baltazar de Andrade

Samuel Cardeal

B869.33

C266t

CARDEAL, Samuel de Castro Santana (1986 -) Tres dedos de morte / Alec Silva, Baltazar de Andrade, Samuel Cardeal.

Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

CDD B869.33

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia dos autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

NA PORTA DO CÉU [Alec Silva]

O VIAJANTE [Baltazar de Andrade]

Primeiro Canto: O Deserto

Segundo Canto: O Pós Morte

O ÚLTIMO ALVO [Samuel Cardeal]

OS AUTORES

Alec Silva

Baltazar de Andrade

Samuel Cardeal

APRESENTAÇÃO

A Morte. Para alguns, o fim da linha, para outros, apenas o começo, um rito de passagem à vida eterna. Para nós, escritores inconsequentes e sem pudores ou reservas morais, a morte é sempre um grande material para boas histórias.

Este e-book que você está lendo neste momento traz três contos que têm como fio condutor aquela para a qual caminhamos todos os dias, sem cessar. Cada história aborda um aspecto distinto da morte.

No primeiro conto, o autor Alec Silva desenha os primeiros momentos de uma jovem garota após seu encontro com o ceifeiro, uma história de descobertas, cheia de lirismo e ação.

Baltazar De Andrade mostra a jornada de um homem, um viajante, antes e após seu momento derradeiro. Com uma prosa em versos, mergulha o leitor no abismo mais profundo, sem garantia alguma de retorno.

E, por fim, Samuel Cardeal conta os segredos de um homem que decide se tornar um emissário da morte, a mão do ceifeiro na terra.

Então, enquanto ela não vem te pegar, descubra as várias faces da Morte.

NA PORTA DO
CÉU

ALEC SILVA



*"Está ficando escuro, escuro demais para ver.
Sinto-me como se estivesse batendo na porta do Céu."*

Bob Dylan

Lembro-me como se fosse hoje, tão concreto e real quanto eu. Recordo-me de andar por uma trilha estranha, de árvores enegrecidas e de galhos retorcidos que pareciam querer me agarrar e me levar para as entranhas da terra, levar-me para o Inferno. Meus pés descalços tocavam um chão pedregoso e ameno, sem o mínimo sinal de vida vegetal.

Eu olhava em volta, buscando algo, alguma coisa, alguém. Entretanto, tudo o que via era uma paisagem morta, nefasta, sombria e medonha sob uma nuvem negra que descarregava raios avermelhados que atingiam seus alvos com extrema violência e precisão, causando incêndios de chamas rubras. Era uma cena muito assustadora e bela.

Percebi logo que me vestia como aquelas guerreiras que viveram entre o fim do período clássico e o início do medieval. Sentia-me como uma amazona, uma guerreira medieval, ou algo parecido. Claro que era uma roupa mais folgada, mais feminina e estilizada do que as de antigamente, contudo em nada devia ao charme e poder.

Senti um peso considerável em minhas costas e soube imediatamente que portava uma espada. Aquilo me fez estremecer um pouco. Há anos sempre fui fascinada por armas brancas, sobretudo as espadas antigas e agora — mesmo que em sonho — eu tinha a oportunidade de manejar uma!

Estranhamente, ao fundo, como uma trilha sonora, pude distinguir uma canção familiar. Já a ouvi em inúmeras versões, como a de Avril Lavigne e Zé Ramalho, embora preferisse muito mais na voz potente de Bob Dylan. Contudo, naquele momento era a versão *rock'n'roll* que ditava a letra. Quem cantava era Axl Rose, o vocalista do Guns N' Roses!

Quão surreal havia se tornado meu sonho! Era eu uma guerreira vagando por uma trilha deserta e sem vida, trajando uma vestimenta estilizada e ouvindo a música que tanto gostava! O que mais faltava acontecer?

Bem, acho que minha resposta fora logo respondida: diante de mim estavam dois imensos portões dourados. Cada um possuía um símbolo específico e desconhecido, porém bem desenhados naquele metal tão duro. Cada portão era guardado por uma criatura encapuzada dedilhando uma harpa que emitia o som de guitarras, harmonizando-se com a música que parecia se tornar mais alta.

Examinei-os atentamente, buscando mais detalhes acerca do que queria significar tudo aquilo. Não havia fechaduras, travas, maçanetas, nada que as fizesse abrir ou se fechar.

De repente, para meu espanto, um dos portões se abriu, revelando um caminho florido, cheio de árvores, borboletas para todos os lados, pássaros cantando, animais saltitantes por todos os lados. Era meio estranho, muito infantil para o meu gosto.

Claro que eu não entraria ali, pois era emboscada na certa. Quem, por amor de Deus, entraria por um caminho tão bonitinho assim, sem pestanejar? Eu não! Permaneci em pé, olhando para toda aquela tentação. Nem que me pagassem eu entraria.

Creio que após três ou quatro minutos a outra porta se abriu, revelando um caminho semelhante ao primeiro. Aquilo era

sacanagem! Duas tentações iguais?! Que piada era aquela? Fiquei confusa quanto ao caminho que deveria escolher.

De repente surgiu um homem atrás de mim. Era um andarilho; ele assobiava tranquilamente o refrão da canção que ecoava por toda a extensão de meu sonho. Vestia-se com roupas gastas, feitas de couro acinzentado, cobertas por uma enorme sobrecapa que arrastava sobre o solo cheio de pedras. Um capuz velho cobria-lhe o rosto, deixando visíveis apenas mechas dos cabelos em tons de prata e branco.

Olhei com certa repugnância aquela figura que se aproximava. Andava com calma, sem o mínimo de pressa, apoiando-se no que julguei ser uma bengala. Quem seria aquele ser estranho e peregrino que se aproximava?

Ele passou por mim. Não pronunciou uma palavra sequer. Apenas entrou pelo portão da esquerda, o segundo a se abrir.

— Ei! — chamei, estranhando aquele descaso.

O andarilho parou, virou-se lentamente para mim, sem me fitar diretamente.

— Diga! — pediu ele, com a voz grave, tão firme quanto possível a um ser humano.

— Para onde você vai? — perguntei.

— Para algum lugar. Se quiser me acompanhar...

— Que lugar seria esse?

— Ainda não sei, mas pretendo descobrir.

Achei aquilo muito estranho.

Ignorando meu espanto, o peregrino voltou a andar. Ele parecia determinado a chegar ao local que tanto queria alcançar.

Sem muita opção naquele momento, segui-o.

— Quem é você? — indaguei, tentando ver seu rosto.

— Sou o que serei — respondeu-me, parecendo muito mais filosófico do que casual.

— É algum anjo ou demônio?

Escutei um riso vindo debaixo do capuz.

— Garanto que não sou nem anjo, nem demônio — respondeu-me —, mas sou o que serei pela eternidade, pelo passar dos tempos, das gerações e das eras. Sou o que serei, assim como fui ontem, sou hoje e serei amanhã. Sobreviverei ao passar dos séculos, a guerras, a fome, a extinção humana... Sou o que serei.

— É Deus?! — atrevi-me a perguntar, entre o assombro e o receio.

Agora ele gargalhou, zombando de minha pergunta tola, o que me deixou irritada.

— O que você sabe sobre Pactos de Sangue? — replicou, após gargalhar por quase dez segundos.

— Pactos de Sangue?! — estranhei.

— Sim.

— Nada.

— Nunca fez sequer um?

— Não.

— Certeza?

— Sim.

— Hum...

Ele pensou um pouco. Ao fundo a canção parecia se iniciar outra vez.

— Por que tantas perguntas sobre isso? — questionei-o.

— Pactos de Sangue são feitos de formas diferentes, com ou sem o conhecimento prévio da outra parte envolvida, entende?

Assenti, embora confusa.

— É uma coisa antiga e perigosa, mas hoje em dia a garotada leva tudo na brincadeira, como foi o caso de seu... como é mesmo que se diz? Ah! Seu ficante — continuou o andarilho.

— Hein?!

— Ele foi seu primeiro namorado, certo?

— Bem... — hesitei, lembrando-me de tantas primeiras coisas que ele fora em minha vida.

— Houve um pacto de sangue quando ele a desvirginou.

Arregalei os olhos, fitando-o totalmente incrédula.

— Nem adianta me olhar assim, moça! — pediu ele, sem ao menos precisar olhar para mim. — Sei disso porque seu Anjo da Guarda me contou.

— Como?! — espantei-me. — Eu tenho um Anjo da Guarda?!

— Os humanos possuem um par de anjos, um da Guarda e outro... bem... um demônio, o oposto do outro. São mais espíritos encarregados de guiarem a alma humana por certo tempo, algo que se encerra aos dezenove anos, quando a alma se torna livre.

— Sempre pensei que fosse lenda...

— Por trás das lendas se escondem as grandes verdades do mundo.

Não sabia se ficava constrangida por causa de ele saber sobre minha primeira vez ou surpresa por fazer parte de um Pacto de Sangue.

— Ele tinha um ferimento no dedo, não? — perguntou-me, fazendo-me ficar ainda mais sem jeito.

— Acho que sim.

— E você sangrou, certo?

Calei-me, envergonhada.

— Houve troca de sangue — continuou o peregrino, indiferente ao meu estado tão constrangedor. — Houve, portanto, um pacto. E você precisa pagar a sua parte.

— Eu não fiz pacto nenhum! — desesperei-me.

— Estéfane, para os Encomendadores não existe essa de fazer ou não de forma consciente. Foi feito e pronto. Houve um acordo estabelecido. E amanhã será o dia de vir receber o pagamento.

— Minha alma?

— Você e seu filho.

— Estou grávida?!

Parei subitamente, incapaz de raciocinar. Levei as mãos na barriga, tremendo um pouco.

— Um Pacto de Sangue precisa ser pago com duas almas ou dois corpos — explicou o homem, também parando, contudo sem me fitar. — Geralmente são as dos envolvidos, mas o seu ficante foi sagaz; ele conhece os segredos ocultistas de alguns grimórios. Descobriu que bastava engravidá-la para salvar sua pele.

— E o que ele tanto queria com isso? — ousei questionar.

— O de sempre: mulheres gostosas, farra, grana... Sempre pedem isso. Saudades de Fausto! Este sim soube aproveitar bem um pacto.

— Eu... eu não posso... não quero!

— Por isso estou aqui, moça.

Olhei-o com grande esperança.

— Vai me ajudar?

— Tentarei. Um pacto de tal sagacidade não é fácil de ser quebrado, sabe? Envolve riscos, um preço alto demais. Amanhã o Encomendador virá buscar a sua alma e a do seu rebento, como lhe foi prometido quando o rapaz propôs o acordo.

Retornei a caminhar, interessada no que ele falava mais do que nunca.

— O que vou tentar fazer é apelar — prosseguiu. — Por isso a trouxe para cá, para este Limbo.

— Limbo?!

— Um lugar que fica perto do Céu. Há dois caminhos aparentemente iguais, porém apenas este é o que nos levará para diante de Pedriel.

— Você quer dizer São Pedro, não?

— acredite: não existe esta história de Santos. Tudo invenção de algum desocupado que queria homenagear alguém.

Receei diante daquilo. Eu estava entregando a salvação de minha alma a um ser que blasfemava contra a Igreja!

— Pedriel é um dos Anjos Sentinelas, um velho conhecido meu, o qual me deve um favor — continuou o homem maltrapilho. — E sei como conseguir uma vaga para você e seu filho no Paraíso, longe do alcance de Satanael.

— Satanael?!

— O anjo rebelado original, aquele que você deve conhecer por Satanás, Diabo, Capeta...

— Nome engraçado.

— Tenha certeza de que o seu dono é nada engraçado e ele vai fazer o que for possível para impedir-me de salvá-la.

Notei grande seriedade em sua voz.

Andamos por quase uma hora. A música havia se repetido inúmeras vezes, tornando-se um mantra para aquele momento tão crucial em minha vida. A paisagem lentamente se tornava com menos vida, ganhando aquele aspecto macabro que deixei para trás

ao atravessar o portão. Principiei a temer a escolha, a duvidar de ter feito certo ao decidir seguir aquele andarilho.

Ao longe, à nossa esquerda, notei uma nuvem negra que parecia acompanhar nosso trajeto. Inicialmente julguei que se tratava de alguma alucinação onírica, porém logo tive certeza de que éramos seguidos de longe por uma massa nefeloide densa e escura. Foi como ouvir a versão brasileira da música que soava harmoniosamente em meus ouvidos.

— Ei! — chamei-o, depois da constatação.

— Já notei isso desde que adentramos o portão.

— O que é?

— Uma tropa de Encomendadores — respondeu-me, com seriedade.

Senti um terrível frio na espinha dorsal.

— Em breve vão aparecer e tentar impedir sua jornada.

Estremeci.

E continuamos andando por mais algum tempo até chegarmos a uma planície desértica e sem qualquer vestígio de vida; havia somente uma rocha negra no meio do caminho.

— Pare! — pediu meu companheiro de viagem, levando a mão à cintura.

— O que houve? — perguntei.

— Esta rocha, ela não faz parte da trilha.

Meu coração acelerou.

Sem que houvesse tempo de recuarmos, seres humanoides aparentemente feitos de fumaça enegrecida surgiram em nossa frente, saindo da enorme pedra. Aquilo me assombrou, sobretudo quando avançaram contra o peregrino, que sacou da cintura uma espada e degolou o primeiro deles, tornando-o pó acinzentado.

Agora diante de mim não estava mais aquele homem tão calmo, sábio e maltrapilho, mas um exímio espadachim de corpo delgado, porém com músculos bem definidos e porte atlético. Estava diante de meus olhos incrédulos um legítimo guerreiro que me defenderia e me protegeria de qualquer ameaça.

Quando o segundo Encomendador avançou, empunhando duas adagas de lâmina recurva, o andarilho chutou com extrema força enquanto cravava a espada noutro, dando-lhe o mesmo destino.

Ao dar por mim, percebi que estávamos cercados de homens com feições macabras e muito ódio nos olhares avermelhados. Avançavam contra nós sem o mínimo receio de serem mortos; pareciam desprovidos de qualquer traço emocional ou sentimental.

Apressei-me a sacar minha espada e participar daquela luta, conseguindo — para total e absoluto assombro — resultados impressionantes: matei dois ou três inimigos com extrema facilidade.

— Pegue isto! — pediu o peregrino, entregando um livrinho de capa dura e de espessura média.

Peguei, embora confusa.

— Entregue a Pedriel e diga que eu o encontrei! — continuou ele, enquanto socava o rosto de um Encomendador e se desviava de outro. — Peça a ele que cumpra a sua parte no nosso acordo!

Hesitei por alguns segundos até compreender que o espadachim queria que eu fugisse logo e fosse para o final da trilha.

— Vá! — ordenou ele, encarando-me com seus olhos prateados e glaciais, enquanto sua destreza assassina o fazia decapitar outro adversário.

— Mas, e você?

— Sou imortal! Sei me virar! Vá logo!

Atendi-o imediatamente. Corri como uma desesperada, pondo o pequeno livro sobre o peito. Fui seguida por dois Encomendadores, mas as adagas de meu salvador os eliminaram antes que me alcançassem.

Creio que corri por muito tempo. Estava totalmente confusa, perdida, sem saber o que fazer. Havia em mim a vontade angustiante de gritar, de acordar de toda aquela loucura. Como eu queria simplesmente acordar daquele pesadelo!

Quando notei que a nuvem escura não me seguia e nem que havia possibilidade de ser capturada, diminui a velocidade e andei num ritmo apressado, contudo bem mais relaxado do que outrora.

Não demorou muito para eu avistar um semicírculo feito de madeira, todo enfeitado com detalhes em ouro, prata e pedras preciosas. Sobre uma pedra do lado direito, um rapaz de beleza angelical tocava uma enorme harpa de ouro com cordas de prata. Aproximei-me com temor.

Ele possuía longos cabelos negros e ondulados, tão brilhantes quanto um diamante, que contrastava sua pele alva e imaculada. Ao me olhar, com uma expressão entre a surpresa e a admiração, pude ver seus olhos azuis em um tom semelhante à safira. Esboçou um sorriso e cumprimentou-me:

— Oi, Estéfane.

— Oi, Pedriel — retribui, apesar da grande hesitação que me dominava.

— Will falou que você era linda, mas não pensei que fosse tanto.

Senti-me lisonjeada mediante um elogio vindo de um anjo.

— Ele pediu para lhe entregar isto — disse, dando a ele o livro que trazia comigo.

Pedriel pegou-o com a mão direita, abrindo-o numa página específica.

— Aquela criatura renegada sempre cumpre o que promete — comentou, sorrindo ainda mais. — *O Grimório dos Templários*, o último exemplar original ainda existente no mundo. Um livro pequeno e poderoso quando deixado em mãos erradas.

— Agora, bem...

— Ah, sim! Claro, minha cara. Cumprirei minha parte no trato. Anjos são seres de caráter inquestionável.

Aquilo me tranquilizou um pouco.

Ele se pôs de pé, falando:

— Este é a famosa Porta do Céu. Como tu vê, não é grande coisa na aparência, como todas as coisas boas. Nem é comparável à Porta do Inferno, a qual sei que não verás jamais. O Criador a fez no dia que antecedeu a Criação, ligando a Terra ao Paraíso, ao Éden, mas a rebeldia incitada por Satanael O fez trazer a Porta para cá e assim o Éden ficou inacessível ao homem. E é por aqui que tua alma e a de teu filho passarão.

— Quer dizer que estou morta? — indaguei, receosa da resposta.

O anjo caminhou até a pedra em que estava sentado e pegou um grande livro de capa branca. Apoiou-o no ar e o abriu no meio, lendo:

— *Durante anos, Estéfane foi uma filha exemplar, aluna aplicada, amiga leal, soube seguir as coisas boas e sinceras da vida, nunca se drogou, nunca se prostituiu, contudo teve a sua vida ceifada no dia 3 de julho de 2009, às 22 horas, quando William, o Homem da Alma Exposta, a assassinou por intermédio de veneno letal e indolor enquanto dormia.*

— Meu Deus! — exclamei, levando as mãos à boca, chorando.
Não era um sonho!

Aquele homem que me acompanhara durante parte da viagem, que prometera me ajudar, havia mentido para mim! Pior: havia me matado!

— Ele o fez porque era a única maneira de salvar-te, minha cara — explicou Pedriel, sem fechar o livro. — Se não o fizesse, um Encomendador teria feito e agora tua alma vagaria no Inferno, entre os que não puderam ser salvos.

Ele virou o livro para mim, enquanto a música da banda Guns N' Roses se tornava mais intensa.

— Veja! — pediu.

Nas duas páginas em branco, imagens em pintura tão realista quanto um vídeo mostrava o maldito que me amaldiçoara conversando com uma mulher de beleza descomunal. Ela era terrivelmente sedutora e bonita, lábios tão rubros que pareciam maquiados com sangue.

— Esta é Hilda, a Encomendadora preferida de Satanael — explicou-me o anjo.

Ele e aquela coisa — que nem por um momento me convenceu ser humana — se beijaram e a seguir estavam envoltos num sexo selvagem e despudorado! Aquilo me enojou. Como eu havia deixado aquele canalha me tocar? Como deixei aquele pervertido ser o meu primeiro...?

A folha virou-se sozinha e agora pude vislumbrar o desgraçado cortando o dedo indicador já na frente de minha casa, dois segundos antes de tocar a campainha. Apareci e o abracei, beijando com grande paixão. Naquela noite eu estava sozinha em casa.

Outra folha e vi-me deitada na cama, completamente nua, sendo intimamente acariciada por ele. Ver aquilo me fez sentir um embrulho no estômago. Sentia-me imunda, impura, assim como se sente uma pecadora — o que de fato eu era naquele momento.

A cena a seguir foi do dedo ferido tocando a minha boca. Lembro-me de ter sentido o gosto de sangue. Não demorou muito para que o infeliz estivesse me possuindo, fazendo-me sentir um prazer que nunca senti. A sessão finalizou com ele descendo e... Meu Deus! Era horrível!

— Seu Anjo da Guarda, sabendo por intermédio do demônio que dominou o caráter do Pactuante, recorreu a Will para salvá-la — prosseguiu Pedriel.

Novamente a folha passou e enxerguei meu quarto. Era escuro. Eu dormia profundamente após um dia exaustivo. Naquele momento tocava no rádio *Knockin' On Heaven's Door*.

A figura já conhecida de William, o andarilho, o peregrino ou o espadachim, nem sei mais como denominá-lo, surgiu na janela como um fantasma. Ele tinha em punho uma seringa com um líquido transparente como água; aproximou-se de mim com passos largos, firmes e silenciosos. Aplicou a dose toda em meu pescoço.

— *Dei requies animi* — sussurrou em meu ouvido, afastando-se.

— É latim — comentou o anjo —, e significa *Deus guarde sua alma*.

Ele mal deu cinco passos e uma figura trajando roupas iguais às dele — sobrecapa preta, botas com detalhes prateados, cinto com uma bainha que guardava uma espada mortal — surgiu na janela, materializando-se.

— Tarde demais — falou meu assassino, a voz firme. — Já a enviei ao Limbo.

Como resposta, o Encomendador urrou, sacou a espada e avançou com grande ira. Sua arma parecia emitir raios elétricos em tons rubros.

O encontro entre as duas lâminas produziu faíscas que atingiram todas as paredes, o chão e o teto, arrancando partes incríveis do reboco e da pintura, produzindo labaredas na cama e nas cortinas.

Os dois combatentes se golpeavam com destreza e precisão, sendo um capaz de defender e contra-atacar o outro em igual medida. Pareciam mais dois clones brigando do que seres completamente opostos. Em certo momento, o corpo de Will fora atirado contra a janela, despencando dezenas de metros até colidir com um carro.

E o livro se fechou.

— Ele não pode morrer — concluiu Pedriel —, pois tem a alma posta para fora e não para dentro.

Eu chorava. Não sei se era de emoção por ter visto tudo aquilo ou por saber que estava morta e salva de arder no Inferno.

Naquele momento a canção repetia o refrão. Era chegada a hora de bater na Porta do Céu, deixar para trás tudo, de deixar para trás tanto sofrimento e viver no Paraíso com meu filho.

Havia, entretanto, uma pergunta que merecia ser respondida.

— E quanto ao... a ele? — indaguei, incapaz de pronunciar o nome do maldito que me oferecera como sacrifício para conseguir coisas supérfluas.

O anjo abriu outra vez o livro, tendo no rosto uma expressão entristecida.

— Satanael vai querer a alma dele em algumas semanas e vai fazê-lo pactuar novamente — replicou-me —, contudo da próxima

vez o fará abrir mão de sua alma.

Diante de meus olhos estava a cena do Pactuante — como o ser angelical o denominara — tendo uma convulsão. Seu corpo estremeceu até de suas cavidades faciais sangrarem; de sua boca, além de sangue, uma espuma branca era abundante; tinha, ainda, o olhar estrebuchado e apavorado. Vislumbrava a mulher, a criatura que encomendaria a sua alma.

Foi a última vez que o livro se fechou.

— Hora de ires — disse o anjo, pegando o livro e o guardando.

A música estava no final.

— Mamãe! — gritou uma voz masculina e infantil, do outro lado da Porta.

Olhei para lá e vi um garotinho de cabelos castanhos brincando com um leão branco. Ele acenava para mim.

— Bata! — pediu o guardião, quando o olhei demonstrando dúvida.

Aproximei-me mais ainda do semicírculo gigantesco e toquei um vidro tão transparente que não nos refletia. Bati-o meia dúzia de vezes até sentir que não mais estava ali.

Senti um grande alívio não apenas físico, mas espiritual. Minhas vestimentas agora eram túnicas leves e esvoaçantes, e não mais a roupa de guerreira. Minha luta havia se encerrado; minhas armas foram guardadas, pois não mais as precisaria empunhar.

Quando atravessasse a Porta do Céu, a canção estava nos segundos finais. Ainda olhei para trás, vendo William ao lado de Pedriel; ambos me olhavam. Nenhum deles acenou ou fez qualquer gesto, porém sabia que me desejavam somente coisas que seriam boas para mim.

Voltei-me para frente e vi meu filho correndo em minha direção com os braços abertos. Agachei-me para abraçá-lo. Foi um abraço gostoso e amoroso de mãe e filho.

Nem percebi quando finalmente a potente voz de Axl Rose se calou para sempre e a guitarra pesada deu seu último acorde.

0
VIAJANTE

BALTAZAR DE ANDRADE



Primeiro Canto: O Deserto

No final de cada dia
Ergue-se ele, pobre, carcomido.
E quando a fome lhe arrepiã
De mais um dia ter vivido,
Vem a noite fria
Que lhe gera um gemido.

Irei contar a historia
De alguém sem futuro ou passado,
Em uma vida sem gloria,
Sem, ao menos, seu nome ser lembrado.
Tendo a única vitória
De nessa terra ter estado.

Não cresceu muito arrumado.
A mãe morreu doente,
O pai, desempregado,
Levava a vida pra frente,
Mas muito desolado
Sumiu, de repente.

Sozinho, começou a andar,
Indo sem rumo pro deserto.
Erguia-se um sol de rachar
E, como um livro aberto,

Tão nítida como poderia estar
Sua própria miragem, por certo.

E perguntou a si mesmo com desdém:
"Quem é? O que procura?
De onde vem?"
Respondeu-se com amargura:
"Não sou nada, nem ninguém
E vou levando esta vida dura."

E quanto mais o sol o fustigava
Mais fundo ele caía,
Pois o vento forte cortava
E o tempo se ia.
E quanto mais o tempo passava
Mais miragens se via.

Então adormece o Viajante,
Porque Viajante passou a se chamar
E por mais distante
Que conseguisse chegar,
Agora, e doravante,
Não teria lugar.

O deserto passou,
Alcançara o mar.
Mas por isso chorou,
Chocou sem se consolar,

Pois miragem virou
Um mar sem molhar.

“Vejo que isso é minha sina
E digo ao sol, não vai me derrubar!
Pois dessa areia fina
Não farei meu lugar,
Que seja ela assassina
Do meu viver e meu sonhar”.

Assim recomeça a andar
Mirando sempre à frente, o horizonte.
Com lágrimas a chorar
E mais e mais lágrimas
No cortante deserto a derramar,
E com as mãos sujas, enxuga a fronte.

De repente surge ao seu olhar,
De um oásis a imagem
E fica ali a admirar
Com o pensamento de passagem
De se decepcionar
Com mais uma miragem.

Segue, pois, o caminho precavante,
O manancial à frente.
Não estando certo deste rincante
Fecha os olhos e a si próprio mente:

“É mais uma miragem clamante
De jogar-me na areia quente.”

E o choro lhe transpassa o rosto.
Sua mente vai, seu corpo não,
Não querendo ter posto
De estar com a razão,
Encara seu oposto
Com os pés pregados no chão.

“Talvez seja um manancial”
“De areia, certamente.”
“Mas mesmo que seja uma lamaçal
Não teria algum afluente?”
Não ouve seu igual
E joga-se à frente.

Caiu em pranto desconsolado,
No oásis de areia e chão.
Esquece todo seu passado,
Escuta uma voz de solidão:
“Trago-lhe o último recado.”
Disse a morte a estender-lhe a mão.

Segundo Canto: O Pós Morte

A escuridão presente se fazia
Naquele abismo profundo,
Em que fora deixado pela morte e jazia
Morto lúcido, senão, moribundo.
Divagava impropérios enquanto caía
Nos braços de outro mundo.

“Eis o fim que me espera:
Pobre, podre e vadio,
Indo direto pra boca da fera
Com pensamentos que causam arrepio.
Torcendo para que, quem dera,
O inferno não fosse tão frio.”

Saído do deserto escaldante
E atirado naquele poço sem fim,
Tal qual o poeta Durante
Se fazia sua história assim.
O homem chamado Viajante,
Que fitava o gelo cor de carmim.

Fogo, não se enganem, existia,
Labaredas altas e ofuscantes,
Que deixavam a pele fria
Ao invés de queimar os lamuriantes

Em sua maldita agonia,
Pelos pecados que cometeram antes.
Rostos voavam ao redor, suplicando
A divina misericórdia e o amparo
Para seu jugo, ou até transformando
Lamentos em exigências de reparo,
Pelo sofrimento que estavam passando
Nas mãos do ser avaro.

Medo já não tinha, aceitava
Seu destino, em que escrito havia
O recado que a morte murmurava
A todo aquele que morria:
"Desce esse poço e cava
O último abrigo da sua covardia!"

Já não sentia os dedos congelados
E o peito pesado estava
Pelo fardo dos dias passados
No deserto em que queimava.
Sabia estar de olhos fechados.
Achou que outra miragem o assombrava.

Ainda escutava o vento gemer
Num assovio assustador,
Pondo os dentes a bater
Em um trincado ensurdecido.
Pensou que não estava a morrer
Pois ainda sentia dor.

Uma gargalhada escutou
E viu brilhar olhos na escuridão,
Então, entre risos, o demônio falou:
"Sente pulsar o teu coração?
Diz para si, vivo estou?
Acaso esquece que também dói a danação?
 Não tem mais esperança
 Em alcançar a saída daqui.
 Não diga não notar a mudança,
 Pois eu mesmo lhe adverti.
 Entra comigo nessa dança
 Em que pisarei os pedaços de ti."

"Vá de retro, enganador,
E engula sua maldição
Com todo o asco e seu horror.
Não me rendi à areia e à solidão.
Engano o diabo, se preciso for,
Mas não me entrego fácil à danação!"

 Sentindo reverberar sua exclamação
 E o chão tremer com a aterrissagem,
 Pisa o gelo incandescente de supetão,
 Onde aconteceu sua passagem
 Para os domínios do cramulhão
 Em que se findava toda a viagem.
Recolhido ao centro daquele furacão
Estava um ser que outrora
Fazia brilhar a imensidão

Do céu e mar, dentro e fora,
E agora era o caminho da perdição
O antes clamado Estrela da Aurora.

“Me chamou, alma sem brilho?”

Falou o anjo amaldiçoado.

“Me incomoda na prisão que partilho
Agora com cada espírito atormentado
Que trilhou mal o trilho
E a mim ficou acorrentado.

Que queres em meu cativeiro
Antes de findado o tempo do pleito,
Onde sou cativo e carcereiro
E faço o que deve ser feito?”
Sua voz derrubando por inteiro
O Viajante, cansado e contrafeito.

Tomando o fôlego da rebeldia,
Resolvendo enfrentar sua sorte,
Exclamou que para o inferno não iria.

Que fez antes da morte

Para merecer o que sofria?

Não pagou por aquele passaporte

Então o próprio Lúcifer gargalhou:

“Pensa alto demais

E te esquece de onde pisou.

Não escuta, por acaso, os ais

De todo aquele que me enfrentou?

Não são todos teus iguais?”

Encolheu-se a imagem da perdição,
Como a simular falso pavor.
Satirizando o Viajante fanfarrão
Que tentava a ele se impor,
Com bravios de exclamação
Contra o próprio enganador.

“Nociva é a lábia que tua língua
Vomita aos baldes sobre mim,
Mas sei que dela o veneno pinga.
Sabes que não termina assim.
Tivesse eu morrido à mingua
Não seria o inferno meu fim!”

Não escutou a tréplica escarnecida,
Pois longe sua alma jazia
Em velocidade fazendo a subida
Onde outrora seu ser caía,
Descobrimo que seu pós vida
Aconteceu enquanto dormia.

Olha para o céu estrelado
Sobre a areia, tão familiar.
Feliz de apenas sonhado
Com a morte a lhe falar
E de não ter escutado o recado,
Que não estava preparado a enfrentar.

O ÚLTIMO
ALVO

SAMUEL CARDEAL



“Seja a mudança que você quer ver no mundo”. Não lembro quando ouvi a frase pela primeira vez, mas as palavras de Gandhi ecoaram em minha mente como um mantra. Naquela época, como um pirralho mal saído das fraldas, aquilo parecia importante, eu acreditava que mudaria o mundo, faria dele um lugar melhor.

Minha educação, da infância à adolescência, ficou a cargo da televisão. Papai saiu de casa assim que nasci, mas não foi muito longe. Ao atravessar a rua onde morávamos, em direção ao seu carro, foi atropelado por um caminhão da Coca-Cola; o enterro foi em caixão fechado. Mamãe me dizia que fora um triste acidente, uma tragédia, mas quando pensava que eu não estava ouvindo, flagrei-a algumas vezes dizendo à minha tia que “aquele desgraçado teve o que mereceu”.

Se papai nunca foi presente por não estar vivo, mamãe não tinha tempo para mim, pois trabalhava pesado para nos sustentar. Demorei alguns anos para entender o que ela fazia, só percebi do que se tratava depois de assistir Taxi Driver. Mamãe fazia o mesmo que Jodie Foster. E foi naquela época que pensei em ser como De Niro. Mas minha compreensão do mundo era limitada, e logo esqueci daquilo. O que permaneceu foi a vontade de mudar o mundo, inspirado pelos super-heróis dos desenhos animados; sonhava em sofrer um acidente nuclear, adquirir grandes poderes e grandes responsabilidades.

Um dia, mamãe me pegou com um lençol amarrado ao pescoço, minha super-capota, e me impediu de saltar do segundo andar no último momento. Achei que aquela vara de marmelo iria

se quebrar, tantas vezes me castigou. Ali eu entendi que super-heróis não existiam. E a vara, para meu desprazer, não quebrou.

Passei um tempo deprimido. Mas era criança, então não passou de dois dias. Mamãe continuava trocando sexo por papel moeda, eu continuava sendo educado pelo televisor. Foi quando descobri minha nova vocação, a nova maneira de fazer do mundo um lugar melhor.

Doze homens e uma sentença. Assim que assisti o filme, sabia que como advogado seria um agente de mudança. Com dez anos, apanhei uma pilha de livros de direito na biblioteca. A empolgação durou alguns meses, e eu já sabia mais que muitos universitários aspirantes a advogados. No entanto, minha euforia minguou numa reprise noturna de um filme americano.

Quando fui arrebatado pelo balé dramático executado por Gere e Norton em *As Duas Faces de um Crime*, percebi que o caminho do direito era mais torto do que eu imaginava. Abandonei os livros jurídicos e enterrei aquele projeto. Durante mais de um ano, me perguntava diariamente como mudar o mundo, fazer a diferença e não ser apenas mais um no mundo sujo em que vivemos. Então, como um toque divino, eis que a luz tomou minha mente.

Era uma noite de domingo, mamãe havia trabalhado o dia todo, chegou em casa sem olhar para mim, se picou com uma seringa velha que eu não sabia o que continha e desmaiou.

Eu já havia assistido filmes com Charles Bronson, mas enquanto os créditos finais de *Desejo de Matar* desciam acelerados pela tela da TV, meus olhos não piscavam, e cada disparo exibido no filme ecoava em minha mente. Agora eu tinha certeza, era assim que eu faria do mundo um lugar melhor.

No dia seguinte, voltei à biblioteca e comecei a ler tudo o que poderia se relacionar com minha futura atividade: armas, artes marciais, exercícios físicos para força, ocultação de cadáveres, investigação forense, e toda sorte de conhecimento que me fizesse capaz de matar, de todas as formas possíveis e inimagináveis.

Eu ainda não tinha idade para ter um emprego, então passei a recolher recicláveis nas ruas e engraxar sapatos próximo à rodoviária. Levou um ano para que eu conseguisse dinheiro para comprar uma arma, e mais dois para conseguir comprar uma.

Parte de mim queria começar logo, fazer uma faxina no mundo, mas eu sabia que não estava pronto. Como um monge budista, eu exercitei minha paciência até que ela fosse o próprio nirvana. Após dez anos de espera, julguei estar pronto. Eu tinha um bom arsenal e um bom emprego de fachada.

Lembro, como se fosse ontem, do primeiro que caiu sob o jugo da minha semiautomática. O homem tinha 36 anos, acusado de abusar da filha de doze. Ficou impune porque a esposa o encobriu. Ele saía de um bar, bêbado até o último fio de cabelo, fedido como um gambá acuado. O projétil entrou pela testa e saiu pela nuca antes que pudesse dizer "que porra é essa?". O sangue quente espirrou na parede suja e mal iluminada do beco como uma pincelada de Van Gogh; foi sublime.

Depois disso, eu comecei a acompanhar a sessão policial de todos os jornais da região. A meta era um morto por semana, nem mais, nem menos. É preciso constância para um trabalho bem feito e livre de erros.

Fechei um ano de serviços prestados, 52 estorvos a menos na sociedade e a sensação de um bom trabalho feito. Eu era um homem realizado. Com quase dois anos de atividade, minhas ações

começaram a chamar atenção, já se falava de um justiceiro que se movia com as sombras e estava limpando as ruas. Mas eu não era movido por vaidade, não queria reconhecimento nem nada parecido; só queria fazer meu trabalho.

Contudo, por mais esperto que eu pensasse ser, meu anonimato não durou para sempre. Numa noite fria de quarta-feira, bateram à minha porta.

— Pode nos dar um minuto? — perguntou um dos homens trajados em ternos caros que se postavam à porta.

Perguntei o que queriam, eles insistiram em entrar. Fechei a porta, mas forçaram-na e entraram apontando suas armas antes que eu pudesse sacar a minha. Sentamo-nos e conversamos como os cavalheiros que éramos.

— Estamos sabendo de suas proezas nos dois últimos anos, e viemos oferecer um emprego.

Os homens representavam uma empresa de assassinatos. Segundo o que me contaram, tinham uma proposta parecida com a minha; alvos designados e escolhidos por suas iniquidades. A empresa era financiada por milionários filantropos, sem fins lucrativos, sem conhecimento do governo, e sob uma fachada 100% legal.

Não foi difícil me convencer, e na semana seguinte eu já era um empregado formalizado. Não precisava me preocupar em encontrar alvos, podia me concentrar integralmente nas execuções. No primeiro ano, 72 caíram sob o jugo da minha semiautomática; no segundo ano, 123; no terceiro, 147.

Tornei-me o funcionário número um, maior produtividade da empresa, meu bônus mensal era maior que o salário anual da maioria dos empregados com a mesma função. Alcançara a

plenitude, a harmonia máxima entre pessoal e profissional, pois já não havia diferença entre uma coisa e outra.

Foi então que *ela* apareceu no meu caminho.

Como era o costume, recebi meu alvo em um arquivo criptografado, com todas as informações necessárias para fazer meu trabalho. Era uma jovem de dezenove anos, o rosto mais belo que eu já vira e o olhar mais cáldo. Fiz o que tinha que fazer, todos os preparativos providenciados; chegou o momento.

Estávamos sós, ela e eu, ninguém por perto na condição de atrapalhar “nosso momento”. Contudo, quando meu dedo roçava o gatilho, uma lágrima desceu pela face da jovem. Pela primeira vez, após centenas de assassinatos bem sucedidos, hesitei. Aqueles olhos me diziam que ela não merecia morrer, diferente de tantos outros que vislumbrei e introduzi metal e pólvora entre eles.

Guardei a arma e, inesperadamente, ela me abraçou. Aos prantos, a garota me disse que não queria morrer e que nada fizera para receber tal destino. Levei-a para casa e pus-me a pensar. A primeira atitude tomada foi pesquisar a vida pregressa da moça. Não havia nada que a desabonasse, o que me deixou intrigado. Sendo assim, fiz o mesmo com minhas últimas vítimas, e comecei a notar que a maioria delas tinha uma boa reputação, nada de obscuro ou suspeito.

Uma semana após meu primeiro fracasso profissional, cheguei em casa e encontrei a garota deitada em minha cama, o corpo coberto pelo lençol encharcado no próprio sangue. Numa análise rápida, tive certeza: armaram para mim.

Quase não tive tempo de fugir, a polícia já se aproximava, mas consegui despistá-los e busquei um abrigo seguro. Nos dias que se passaram, voltei a ser um fantasma, me esgueirando nas sombras e

investigando o que haveria acontecido. Continuei pesquisando sobre aqueles os quais eu havia assassinado, e descobri que a maioria era de boas pessoas, pais de família, maridos, esposas. Eu era, agora sabia, um assassino de inocentes.

Sem ter a quem recorrer, tive que me manter fora do radar, levei meses para desvendar todo o mistério. A empresa que me empregara, a qual eu pensava ser uma instituição filantrópica, oferecia um serviço de assassinatos por encomenda de alto custo. Empresários, políticos e todo tipo de gente importante e com altos recursos financeiros, utilizavam os serviços da empresa para se livrarem de desafetos, concorrentes, testemunhas. Eu fazia parte de uma estrutura monstruosa, uma máquina de matar inocentes.

Quando o quadro geral se revelou, desesperei-me. Queria acabar com minha vida. Tudo em que eu acreditava, tudo o que cria estar fazendo pelo mundo, tudo era mentira. Durante alguns dias, apenas chorei, pois havia me tornado aquilo que mais repudiava. Eu não merecia mais viver. Mas era preciso reparar meu erro, ao menos em parte.

Dediquei os meses seguintes a planejar meu último trabalho, algo épico. A oportunidade perfeita se deu quando os oito principais dirigentes da companhia se reuniam na sede. Como sempre, o encontro se daria na altamadrugada. Quando isso acontecia, todos os funcionários eram dispensados e a segurança reforçada. Pelos meus cálculos, eu teria de passar por pelo menos dezoito homens armados e treinados para matar. Contudo, o andar onde se reuniam ficaria isolado, sem nenhum vigilante, dado o sigilo dos assuntos tratados; então bolei meu plano.

Infiltrei-me no prédio na madrugada anterior, escalando pelos fundos e chegando até o terraço. Aguardei pacientemente, 24 horas

de pura concentração. De dentro de um armário, na sala de reuniões, pude ouvir os passos dos oito canalhas se aproximarem. Todos se sentaram e começaram a tratar de assuntos importantes. Fiquei alguns minutos a ouvir, e apenas reforcei minha certeza do quão vis eram aqueles homens.

Quando julguei ser a hora adequada, conectei o silenciador à pistola e saí do esconderijo de supetão.

Três segundos; oito disparos; oito cadáveres. Morreram todos boquiabertos, sem entenderem o que acontecera ali. Estavam todos armados, mas nenhum teve tempo de sacar. Apesar do silenciador, a sala era monitorada por vídeo, e eu sabia que tinha pouco tempo para fugir dali.

Segui até as escadas e pus-me a subir em disparada os oito andares restantes que levavam ao terraço. Corri até a borda do prédio e mirei a rua iluminada por postes e faróis dos carros que circulavam madrugada afora. A marcha acelerada dos assassinos se aproximava, como um trotar furioso de uma campanha de guerra.

Fitei minha pistola, com o último projétil na agulha. Toquei a ponta quente do cano no céu da boca e, após vislumbrar o primeiro deles irromper porta afora, vindo em minha direção, projetei meu corpo para trás. Mirei o céu, enquanto sentia o vento frio cortar minha pele. Puxei o gatilho antes do impacto final.

Meu último trabalho havia sido concluído.



ALEG SILVA
BALTAZAR DE ANDRADE
SAMUEL CARDEAL

Alec Silva



Apaixonado por dinossauros e mitologia grega, começou a escrever motivado por *Jurassic Park*, mas o primeiro livro, *Ariane*, escrito em 2007, bebeu da lenda de Eros e Psiquê. Desde então, acumulou mais de 40 livros, dezenas de contos e um milhar de poesias, a maioria descartável, mas que me amadureceu como escritor. Publicou *Zarak, o Monstrinho* em 2011, inaugurando o gênero autobiográfico fantástico; em 2013, apresentou *A Guerra dos Criativos*, o que resultou em projetos ambiciosos, iniciando oficialmente o que ele chama de Lordeverso, que já conta com algumas obras.

Contato:

<https://www.facebook.com/PseudoEscrita>

Outras obras encontradas na Amazon

[*A Guerra dos Criativos*](#)

[*Anamélia*](#)

Ariane

Colisão - Mundos em Conflito vol. 1

Ninho de Dracogrifos

O Cubo das Eras

O Formigueiro (sob o pseudônimo de Alastair Dias)

O Natal de Zarak

O Réquiem da Fatalidade

Baltazar de Andrade



Baltazar de Andrade nasceu em Curitiba, no ano de 1993. Cresceu na região metropolitana, rodeado de árvores e livros, na época ainda tinha outro nome, mas acha Baltazar mais bonito. Escreveu para blogs, páginas de folhetos avulsos espalhados pelas ruas e um pouco para si mesmo, tendo a certeza de sempre derramar sua alma no que acha que faz de melhor.

Atualmente se dedica a pequenos contos e quatro ou cinco romances inacabados, que lutam com suas garras para romper a casca e conhecer o mundo. A inspiração briga, joga os pratos em sua cabeça, diz que vai embora, para nunca mais. Vez ou outra volta e diz que se arrependeu, apresenta coisas novas, e o escritor inocente acredita e a acolhe como sempre. *Metamorfose – O Inimigo Nas Sombras* é seu livro de estreia.

Contato:

baltazarescritor@gmail.com

www.facebook.com/baltazarescritor

Outras obras encontradas na Amazon

[Metamorfose - O Inimigo Nas Sombras \(Rastro Psíquico Livro 1\)](#)

[Divã Vazio](#)

[A Corrente](#)

[A Noite Mais Fria](#)

Samuel Cardeal



Samuel Cardeal é uma mente doentia em um corpo humano qualquer. Podia estar matando, podia estar roubando, mas decidiu fazer pior: escrever livros. Não gosta de se apegar a rótulos e escreve sobre qualquer coisa que lhe pareça interessante.

Gosta de ler de tudo, de filmes de Tarantino e desenhos infantis. Trabalha porque nasceu pobre e é pobre porque não nasceu rico.

Contato:

santanacardeal@yahoo.com.br

<http://desarranjocerebral.blogspot.com.br/>

Outras obras encontradas na Amazon

[*O Quarto Cavaleiro*](#)

[*Um Cântico de Silêncio*](#)

[*Demônios Não Choram*](#)

[*Flashback*](#)

[Fiéis Infiéis](#) (leia grátis – em breve na Amazon.com.br)

Contos:

[Crônicas de Sangue, Suor e Samba](#)

[Reminiscências da Queda](#)

[Todo dia é dois de novembro](#)

[Sanatório](#)

[Vana: A Origem da Mulheris Sapiens](#)